

SIMPÓSIO SOBRE PROBLEMAS DA PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA.

DÉA RIBEIRO FENELON

da Universidade Estadual de Campinas (SP).

A oportunidade de debate dentro do Simpósio que se realizou em Brasília de 08 a 12-11-76 sobre os problemas da Pós-Graduação em História e Historiografia Brasileira, principalmente no subtema ENCRUZILHADA METODOLÓGICA se apresentou como de grande importância para todos que em sua atividade profissional de historiadores e professores se encontram engajados no desenvolvimento de Cursos de Pós-Graduação em História.

Quando se tentou a realização de uma Mesa Redonda sobre o assunto durante a Reunião Anual da SBPC, também em Brasília, em julho deste ano, pensou-se exatamente em trazer à tona esta temática que se considera de extrema relevância. O debate sobre as várias experiências, realizadas em diferentes regiões do Brasil, seja a nível de Programas, de Projetos integrados ou até mesmo da própria experiência individual, como participantes da tentativa de preparar e orientar a formação de uma nova geração de historiadores, agora com formação específica, não deve ficar limitado ao âmbito das avaliações de sala de aula, com os alunos, ou de reuniões de professores, em Comissões de Pós-Graduação ou mesmo de Departamento. Daí se louvar iniciativas como esta da UnB, com o auxílio da CAPES, e que se espera sejam repetidas com a frequência necessária.

Nesse sentido seria necessário incentivar e reclamar também a ampla participação nos debates de um maior número de alunos lamentando que mais dentre eles, vindos de outros cursos, de outras regiões, lá não estivessem para enriquecer ainda mais esta troca de experiências. Em verdade são eles que têm muito a dizer sobre o assunto, pois são eles os que "recebem" ou "sofrem", no cotidiano, os resultados de nossa inexperiência, de nossos acertos e erros, de

nossa tentativa de sistematizar aquilo que ainda constitui para nós um campo novo — a formação do profissional de História, no âmbito acadêmico da Universidade Brasileira.

Na maioria das ocasiões em que se tentou montar um Programa de Pós-Graduação esbarramos em dificuldades imensas: quais as nossas perspectivas sobre o que deveria ser uma Pós-Graduação em História? Quais as nossas definições de uma linha mestra para o que deveriam ser estes Cursos? Qual o sentido que buscamos para a formação de nossos futuros historiadores? Estas são perguntas que, certamente, ainda perduram e convivem conosco no trabalho do dia a dia.

As experiências existentes são ainda imprecisas, frágeis algumas. Representaram transferências de modelos de outras áreas ou mesmo de outros países e nossa capacidade de refletir e planejar o que deve ser um Programa voltado para a nossa realidade e as nossas necessidades está sendo testada nas propostas novas que estão surgindo — como a da Universidade Estadual de Campinas, da qual participo e outras que estiveram lá representadas — e que certamente ainda merecerão reparos e para as quais, debates e trocas de experiências muito poderão contribuir. Como tentativas que são, precisam ser constantemente avaliadas e redefinidas para que não se cristalizem ou se solidifiquem como modelos.

De toda a nossa vivência profissional, que já soma alguns anos, a crítica mais constante que recolhemos seja quanto à própria formação que recebemos, seja de tantos outros colegas e alunos que encontramos em Congressos, em Mesas-Redondas, no cotidiano do trabalho nos cursos que hoje ministramos, ou nas teses que orientamos, a crítica mais séria, enfim — pode ser resumida sempre no problema da *formação metodológica*. Na verdade recebemos alunos na Pós-Graduação oriundos de Cursos de Graduação em História que pouco ou nada ouviram falar de método. Além disto a ausência de sistematização metodológica no tratamento do material histórico pesquisado vem sendo apontado como a grande falha da produção da maioria dos historiadores brasileiros até mesmo na produção mais recente de obras já surgidas, de Cursos de Pós-Graduação em História.

A marca positivista de uma história factual e desprovida de problemática parece ser o grande impasse em que nos encontramos e que buscamos superar, representando, em verdade, o grande desafio, quando tentamos refletir a realidade de nossos Cursos e a formação metodológica como nosso principal problema.

Se pensamos a Pós-Graduação em História como o espaço em que se vai forjar uma nova geração de profissionais, instrumentada

para a necessária revisão tanto do ensino como da historiografia brasileira, já iniciada pelo esforço de alguns auto-didatas, é preciso refletir de forma mais objetiva sobre esta responsabilidade e seu significado.

Se reconhecemos um estatuto científico para a História é preciso começar a tratá-la como tal, principalmente em nossa tarefa de magistério — *todos nós professores de História e não apenas os professores de metodologia*, pois esta tarefa é a responsável pelo treinamento dos futuros profissionais. Além disto, também o material que pesquisamos e sobre o qual elaboramos nossa produção de historiadores precisa adequar-se às novas exigências de uma preocupação metodológica, que reconhecemos, alardeamos e muitas vezes não concretizamos em nosso próprio trabalho.

Deixando de lado pois, alguns aspectos relativos às dificuldades dos Cursos de Pós-Graduação em História, no tocante a sua infra-estrutura, problemas de biblioteca, financiamentos, bolsas, etc., sem com isto dizer que estes sejam problemas irrelevantes, mas simplesmente porque não foi este o enfoque do debate do Simpósio, gostaria de contribuir, especificamente, com a colocação de um problema concreto, que resulta de minha experiência de alguns anos de trabalho com a Pós-Graduação em História, seja enquanto coordenava um Mestrado em História, na Universidade Metodista de Piracicaba, que por se tratar de uma instituição particular de ensino apresenta algumas peculiaridades, seja participando da Montagem e Elaboração de um Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Estadual de Campinas e que começou a ser implementado neste ano de 1976.

Sempre consideramos como objetivos gerais de nosso trabalho uma preocupação inicial que pode ser resumida em:

1. desenvolver uma nova postura diante da História, que se preocupe com o domínio de elementos de métodos científicos para a análise da realidade concreta a partir de um ponto de vista crítico;
2. uma tentativa de conduzir o entendimento da *noção de método* como sendo verdadeiramente um instrumental que permita sistematizar ou questionar o conhecimento científico; e finalmente;
3. um trabalho de iniciação ao conhecimento das diversas categorias de análise do método histórico em seu aspecto teórico e também operacional.

Trabalhando com estes objetivos em vista e buscando sua operacionalização como instrumental estamos agora enfrentando um outro tipo de dificuldade — parece que criamos uma barreira que dificulta a aproximação do material empírico. O excesso talvez de preocupação em evitar o factual ou mesmo o reconhecimento de que a

erudição vazia de um arrolar de fatos, ordenados cronologicamente, não levará nunca à possibilidade de uma interpretação, que consiga recuperar as articulações e as mediações do processo histórico, estão nos conduzindo a um impasse que muitas vezes se apresenta de difícil superação para quantos não conseguiram ainda aceitar a idéia de que a erudição não substituirá nunca a compreensão e a interpretação do realmente acontecido.

Se algumas definições ou concepções de sociólogos, cientistas políticos ou economistas *conceituam o trabalho do historiador* como sendo simplesmente a recuperação do empírico e com isto pretendem reduzir nosso ofício a mero coletor de dados, que as outras ciências sociais irão interpretar, isto não nos deve conduzir ao extremo oposto de rejeitar a tarefa como inferior ou de somenos importância. O que é preciso discutir, demonstrar e realizar é que não se trata de simplesmente *reconstituir o empírico*. O trabalho do historiador em sua fase de investigação, como diria Pierre Villar, comporta sim um trabalho que não deve ser superficial ou de segunda mão, mas de uma verdadeira penetração, direta na matéria histórica. Para compreendermos e fazer compreender o que é ser historiador é preciso recuperar o próprio sentido de uma concepção global das ciências da sociedade. O enfoque diverso ou a abordagem de ângulo diferenciados não exige nenhum cientista social do abandono do processo real e acontecido para fundamentação de suas análises. Ou corremos o risco de fundamentar e elaborar nossa produção sobre reflexões abstratas que não contribuirão para esclarecimento do concreto. Ou pior ainda, realizarmos o que começa a aparecer como uma nova forma de escrever história, e também outras ciências sociais: a superposição de um quadro teórico, muito bem elaborado e sofisticado, a um quadro factual e descritivo, que não corresponde à desejável apreensão do concreto pela via do pensamento — ou seja, o instrumental que possuímos para o processo de investigação não pode nem deve ser tomado como o real. Este é apenas o caminho para a penetração no material histórico e como tal se apresenta como instrumental abstrato e analítico. Somente no caminho de volta, ou seja, na interpretação e na elaboração da exposição é que iremos concretizar este instrumental abstrato, tornando-o histórico, porque acontecido. Para superar o impasse e enfrentar diretamente o problema metodológico é preciso não confundir *apreensão do método* com a elaboração de modelos acabados ou a formulação de receitas mágicas de investigação.

Para concluir, endossando ainda Villar diríamos, que a tarefa do historiador é a compreensão global do social, renunciando às simples abordagens de aspectos parciais, e para isto precisamos avançar é, certamente, no tratamento interdisciplinar do social.